

Manifestação da religiosidade católica luso-açoriana: a festa do Divino Espírito Santo em Laguna (SC) como veículo de comunicação popular ¹

*Clarissa do Nascimento Peixoto ²
Helena Iracy Cerquiz Santos Neto ³*

Resumo:

A seguinte pesquisa procura analisar o catolicismo popular professado por descendentes luso-açorianos, especificamente radicados no município de Laguna (SC). O objeto de pesquisa é a festa do Divino Espírito Santo, organizada pela comunidade de Magalhães, na Paróquia Nossa Senhora dos Navegantes. Assim, procura-se averiguar, baseado na premissa da Folkcomunicação, a forma com que essa manifestação cultural se consolida como um veículo de comunicação popular, emitindo mensagens, críticas e idéias, oriundas do próprio povo.

Palavras-chave: Folkcomunicação, luso-açorianismo, espírito santo, identidade cultural.

Abstract:

The following research looks for to analyze the popular catholicism professed by luso-açorianos descendants, specifically in the city of Laguna (SC). The research object is the party of the The Holy Ghost, organized by the community of Magalhães, in the Parish Ours Lady of the Navigators. Thus, it is looked to inquire, established in the premises of the Folkcommunication, the form wich this cultural manifestation if consolidates as a vehicle of popular communication, emitting messages, critical and ideas, deriving of the proper people.

Key-Words: folkcommunication, luso-açorianism, holy ghost, cultural identity.

Introdução

Entre os principais temas de relevância dentro dos estudos culturais, a identidade cultural surge como peça chave para a independência do povo –fala-se aqui do povo em geral, das nações e países – e do seu crescimento intelectual, econômico e social. A compreensão da cultura faz com que o povo tome consciência do espaço que ocupa, dos seus direitos e assim da sua força política.

¹ Trabalho apresentado ao GT 03 – Comunicação e Cultura, do Intercom Sul 2006. UNISUL – Universidade do Sul de Santa Catarina.

² Estudante de Comunicação Social, habilitação em Jornalismo. Bolsista do Programa Unisul de Iniciação Científica. E-mail: clarissapeixoto@ac.unisul.br

³ Mestra em Educação. Especialista e bacharel em Jornalismo. Professora e orientadora de Iniciação Científica. E-mail: helenas@unisul.br

A comunicação é um processo complexo e imanente à existência humana. Com a evolução tecnológica, a criação dos primeiros veículos de comunicação e a solidificação de uma ciência chamada Comunicação Social, este processo padronizou-se e ganhou características massivas. A comunicação elitista passa a condensar o pensamento e propor o padrão e a forma de nos comunicarmos. Como disse Luiz Beltrão (2001, p. 12), não é apenas através do rádio, da TV, do cinema e da imprensa que as massas se comunicam, a camada “marginalizada” da sociedade cria mecanismos para se comunicar, produzir e emitir mensagens. A religiosidade é um desses mecanismos. A partir de sua complexidade de pode-se identificar um comportamento social compreendido através da interpretação de símbolos.

Pretende-se reconhecer, em determinado espaço social, as peculiaridades de uma manifestação cultural, com o intuito de dar uma pequena contribuição aos estudos culturais. Este estudo ocupa-se com a abordagem da religiosidade luso-açoriana, expressa no catolicismo popular e na festividade em honra ao Divino Espírito Santo, que ocorre em Laguna, Santa Catarina, município localizado no litoral sul do Estado, e que tem uma população de aproximadamente quarenta e sete mil habitantes. O município foi cenário relevante para a história brasileira e cumpriu papel fundamental na conquista de territórios ao sul do país (DALL’ALBA 1979, p. 169). Laguna foi palco da Revolução Farroupilha, proclamou e tornou-se capital da República Catarinense, e é também a terra de Anita Garibaldi (MARTINS, 2004, p. 34-35).

Sob a ótica da Folkcomunicação – teoria da comunicação genuinamente brasileira – procurou-se averiguar os elementos da festividade no intuito de reconhecer sinais de propagação de mensagens. Ou seja, de que forma a festa do Divino Espírito Santo se estabelece como um veículo de comunicação popular e quais mensagens o povo produz e emite por meio dela.

Em termos gerais, pode-se dizer que a Folkcomunicação é a comunicação em nível popular. Por popular deve-se entender tudo que se refere ao povo, àquele que não se utiliza de meios formais de comunicação. Mais precisamente: folkcomunicação é a comunicação através do folclore (LUYTEN, 2004, p. 14).

A Folkcomunicação, de acordo com Beltrão (2001, p. 79), entende que são veículos

de comunicação popular não somente os elementos ligados diretamente ao folclore, mas também indiretamente, por isso que outros aspectos que compõem a identidade cultural de um povo podem estar repletos de manifestações críticas, como as expressões artísticas, a religiosidade, os panfletos de manifestação política ou a forma de falar.

A metodologia aplicada pauta-se basicamente na análise de materiais impressos de divulgação da festa, bem como os entregues durante a festividade; fotos feitas durante o evento e entrevistas não estruturadas e conversas informais junto às pessoas da comunidade, além da observação participante. As análises partem também de revisão bibliográfica, sobretudo, de material que contempla a religiosidade luso-açoriana e a Folkcomunicação.

Luso-açorianismo, concepção religiosa e a festa do Divino Espírito Santo

A religiosidade luso-açoriana está submetida a uma concepção bastante específica, justificando os acontecimentos nas deliberações do Divino, do sagrado. Em geral, o procedente da cultura luso-açoriana professa a religião católica, também exercida com características bem distintas do catolicismo professado por outros descendentes como alemães e italianos, que marcam profundamente a cultura religiosa católica do litoral catarinense. De acordo com Megale (1999, p. 72-73), o catolicismo popular abriga ritos e a invocação de Santos para curar enfermidades ou atender necessidades. Essas características imprimem a idéia de uma religiosidade apegada a grande número de Santos e entidades, como anjos ou mesmo o Espírito Santo. Herdt (2003) destaca traços da religiosidade luso-açoriana ao citar a valorização do leigo (capelães, rezadeiras e benzedeiras), característica que provêm, sobretudo, do isolamento dos açorianos nas ilhas e, por isso, a falta de clérigos na região. Originalmente não carregam traços da romanização, como clericalismo e sacramentização. Herdt (2003) fala ainda sobre a valorização de expressões corporais como chorar, botar a mão no santo, beijar a fita, pegar a flor do andor, acender velas, ir às procissões, fazer o sinal da cruz ou tirar o chapéu. Símbolos que revelam uma linguagem própria do luso-açoriano e a necessidade da manifestação externa da sua fé.

Em Laguna, objeto de interesse nesta abordagem, a data de início da festa ao Divino Espírito Santo é imprecisa, mas acredita-se que sua realização começou no século XVIII.

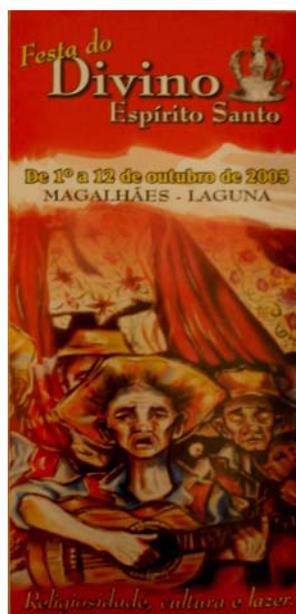
Segundo Marega (2005), a festa, inicialmente, era realizada pela Paróquia Santo Antônio dos Anjos, no centro da cidade. Depois foi incorporada ao calendário de eventos da Paróquia Nossa Senhora dos Navegantes.

Em 1913 foi realizada a última festa com a complexidade de elementos. Em 14 de setembro de 1915 foi proibido pelo bispado os pedidos de esmolas com as bandeiras (ULYSSEA, 1944, p. 183). Marega (2005) relata que a festa caiu em decadência, transformando-se numa atividade medíocre. “Uma festa do povo”, sem elitismo e por isso, fora de moda para uma cidade que vivia tempos de pujança e efervescência cultural. Depois disso, as honras ao Divino Espírito Santo eram menores, ocorriam novenas e orações, mas se perderam os principais elementos.

Retomada pela comunidade do bairro Magalhães em 1969, a festa deixou de acontecer, segundo a tradição, no período de Pentecostes, e até 1979 foram realizadas apenas duas edições. A partir de 1992, ocorrem na primeira quinzena do mês de outubro, todos os anos e seguindo os principais ritos e complexidade de elementos comuns a essa manifestação. Essa retomada deu-se pelo intenso interesse das pessoas da comunidade.

A festa do Divino Espírito Santo como veículo de comunicação popular

O delineamento dessa pesquisa prevê a análise de materiais que se classificam como folkcomunicação, pois evidenciam mecanismos de comunicação populares. Assim, faz-se uma análise das folkmídias e um levantamento elucidativo dos símbolos da festa e das mensagens emitidas. Na seqüência a capa do folder de divulgação da festa do Divino Espírito Santo 2005:



Capa do folder de programação da festa do Divino Espírito Santo de 2005.

No folder do evento, bem como no cartaz de divulgação que contém a mesma imagem, destacam-se elementos da festa que tangem sua característica popular, pois os cantores do Divino Espírito Santo fazem parte da tradição laica, onde o próprio indivíduo faz as honrarias à entidade, numa manifestação cultural produzida pelo povo e sua devoção. A coroa, símbolo do poder do imperador e não da Igreja, realça a festividade como algo do povo, organizado e abrilhantado por ele. A imagem plástica não é sacra. É importante considerar que as personagens criadas pelo artista lembram pescadores, o que é comum em comunidades ligadas ao mar – mesmo antes da diáspora portuguesa o povo de origem ibérica tinha suas raízes culturais e econômicas voltadas para o mar, bem como ocorre no litoral catarinense – caracterizando o estilo de vida e das pessoas que praticam essa religiosidade. As cores fortes chamam a atenção para a festa, como o vermelho, tonalidade do Divino Espírito Santo que representa “o fogo que aquece a vida”. Novamente a idéia de devoção e confiança no Divino, no sobrenatural. A cor amarela também faz contraste chamando atenção para a data da festa e suas funções, trazendo o verbete: “Religiosidade, cultura e lazer”. O que levanta um certo interesse comercial já que o material é de divulgação e utiliza elementos publicitários, como o *slogan* para prender a atenção do público. Esse *slogan* caracteriza novamente a junção entre fé – identificada no termo religiosidade; cultura – o que caracteriza a condição da festa como sendo algo produzido

pelo povo; o termo lazer deixa claro o caráter de diversão que a festa se propõe, já que além do culto sagrado, a festa ocorre, como uma quermesse, no salão paroquial. Considera-se o material como uma folkmídia por relevar aspectos culturais, ser produzido pelo povo e ter como principal interesse a divulgação de um evento popular. Por se uma forma de divulgação, logo detecta-se uma função comercial.

Foram distribuídos envelopes com convites aos mordomos que receberam uma lembrança da festa, contudo era necessário depositar uma quantia, a seu critério, dentro do envelope. As gravuras e textos são em cor vermelha para que se faça um paralelo com a festa. As cores são fundamentais nos materiais, pois caracterizam a entidade homenageada. A seguir os modelos do envelope e convite entregues na festa do Divino Espírito Santo de 2005:



Parte frontal do envelope



Convite entregue aos mordomos da festa em 2005

Ambos – envelope e convite – são veículos de comunicação, pois, além de terem exercido papel na divulgação carregavam informações relevantes à festa e aos procedimentos a serem tomados pelo convidado, como local, data e horário em que se deveria comparecer para à solenidade. Como mensagem implícita é imprescindível destacar

o caráter restritivo, pois pessoas são escolhidas para participarem como convidados especiais da novena no dia especificado.

Foi distribuído também um adesivo com a imagem de Nossa Senhora e da pombinha branca – símbolo do Espírito Santo. É muito comum em festas em honra ao Divino Espírito Santo a adoração de outras entidades. A homenagem à Nossa Senhora Aparecida aconteceu porque a festa do Divino encerrou-se no dia da padroeira do Brasil. É importante destacar que, em cada novena ministrada, as comunidades em que a Paróquia Nossa Senhora dos Navegantes atende foram convidadas e trouxeram representantes comunitários e imagens de seus respectivos padroeiros. Uma iniciativa que atrai e insere a comunidade em geral, além de popularizar o culto ao Divino Espírito Santo. Abaixo modelo do adesivo distribuído na edição de 2005 da festa:



Adesivo distribuído na edição de 2005 da festa

A divulgação da festa é feita de forma informal. Os veículos de comunicação da cidade são jornais semanais e rádios que trabalham com uma linguagem bem popular – sobretudo nas rádios – e com um nível técnico não muito apurado. É importante destacar que os meios têm um viés elitista, no entanto utilizam mecanismos folkcomunicacionais no modo de falar e na produção dos textos. Isso fica nítido se tivermos como objeto de análise a divulgação da Festa do Divino Espírito Santo de 2005, feita gratuitamente pelas rádios e jornais. Em contrapartida, no material de divulgação produzido pelos festeiros havia o nome desses veículos como apoiadores. A forma como os veículos divulgaram a festa não obedeceu nenhuma regra convencional. Nos jornais, a publicidade foi feita com a capa do próprio folder de divulgação da festa e nas rádios, cada responsável por um programa escolhia o momento de inserção da chamada da festa. Cada locutor fazia o comentário que

desejasse e convidava os lagunenses a prestigiá-la. Essas informações foram coletadas em conversas informais com as próprias rádios e festeiros. Por não haver mais dados, optou-se por não levar adiante uma análise mais profunda sobre esse aspecto.

Em relação a outros mecanismos de comunicação encontrados nessa manifestação, o cortejo pelas ruas do bairro Magalhães é uma das tradições mais importantes da festa ao Divino Espírito Santo. O povo sai às ruas para assistir à comitiva ou acompanhá-la até a Igreja, onde ocorrerá, em seguida, a novena. Isso acontece durante todos os dias da festa. O cortejo é composto por casais de crianças entre seis a dez anos, que formam a corte do imperador – junto à imperatriz, o príncipe e a princesa – representando o império plebeu coroado para reinar durante os dias de festa, que tem como objetivo forjar o poder nas mãos do povo, para que ele se sinta valorizado. Segue imagem da festa do Divino Espírito Santo 2005.



Pagens que integral a corte imperial

Também participam do cortejo os festeiros e os recepcionistas da festa que tem como função organizar e receber os convidados, ou seja, a população. Junto a eles, as guardiãs das bandeiras do Divino Espírito Santo, a cantoria composta por foliões e uma confraria formada por mulheres: as Irmãs de Maria, que carregam pequenos estandartes vermelhos com os sete dons atribuídos ao Espírito Santo em inscrições douradas. Na seqüência fotos do cortejo:



À esquerda: guardiã da bandeira do Divino; à direita: Irmã de Maria carregando bandeira com um dos Dons do Divino Espírito Santo

Ainda com caráter leigo, participam não só do cortejo como das solenidades no interior do templo a banda marcial e as guardiãs das bandeiras de Portugal, Brasil, Santa Catarina e Laguna, representando o poder laico e legítimo do Estado e também da nação que nos legou a festividade. Assim como no início dessa comemoração, o poder do Estado se faz presente, com momentos de manifestações cívicas, fato que traduz a subordinação da Igreja ao Estado e reafirma o império do Divino como sendo provisório e sob a orientação do poder dominante. Enquanto mensagem, esse elemento pode ser visto como uma manifestação popular com resquícios de subordinação à classe dominante. Por outro, reafirma-se a identidade nacional ao passo que se tomou como momento importante do culto a exaltação à Pátria. A consolidação da cultura nacional cumpre papel de legitimação e reconhecimento entre o povo e a nação. Abaixo foto da guardiã da bandeira do Brasil:



Guardião da bandeira do Brasil, em cortejo pelas ruas do bairro

As vestimentas da corte remetem ao passado, revelando as marcas de uma festa constituída pela aristocracia da Europa medieval. Revela, além da tradição que mantém a existência da festa, símbolos do luxo e da riqueza. É a tradução de um anseio popular de ascensão social, expressos naquilo que melhor traduziu o poder na história da humanidade: o modo de ser e vestir eminentemente europeu e que pautou o mundo – e ainda pauta – como símbolo de bom gosto e de superioridade cultural. Encontra-se claramente um veículo comunicacional composto por uma mensagem crítica: o desejo de melhorar de vida e porque não, ostentar o luxo, como faz a classe dominante. A consciência do povo está em detectar a diferença existente no seio da sociedade, contudo, não parece ficar claro que o povo perceba a exploração, a dicotomia entre dominantes e dominados. As roupas sintetizam a tradição cultural e são os maiores símbolos que representam a preservação da cultura, pois se conserva um modo de vida bem característico do início da festividade. Um modo de vestir característico de um período é hoje a representação de uma preservação cultural. A seguir fotos das crianças que forma a corte imperial da festa:



Pagens que formam a corte imperial

Dentro do templo seguem os rituais onde ocorre um sincretismo entre manifestações de caráter religioso, popular e cívico. O tomo religioso se faz presente nos ritos como a leitura do Evangelho, a eucaristia e a presença de clérigos conduzindo a cerimônia. As cantorias do Divino, a coroação do imperador por um casal da comunidade, a entrega de lembranças e novenas ministradas por leigos, caracterizam a atividade popular executada dentro do templo. Os atos cívicos se caracterizam pelas bandeiras hasteadas dentro da Igreja e execução do Hino Nacional. Abaixo fotos da cantoria do Divino, em apresentação na Igreja; em seguida fotos internas do templo:



Cantoria do Divino em apresentação dentro do templo



À esquerda: cerimônia religiosa; à direita: bandeiras hasteadas dentro do templo

A festa também é um momento de confraternização e diversão. Manifestações folclóricas também fazem parte das atividades profanas, como ilustra a foto a seguir:



Brincadeira do Boi-de-mamão apresentada na festa do Divino Espírito Santo

Os principais símbolos encontrados no festejo ao Divino Espírito Santo em Laguna são a bandeira do Divino; a cantoria; os sete dons atribuídos à entidade (ciência, entendimento, conselho, sabedoria, fortaleza, piedade e temor de Deus) e a pomba branca. Entre os rituais diagnosticados podem-se citar o cortejo da corte imperial; as novenas; missa de coroação do imperador; coroação do imperador; as festas em forma de quermesse realizadas no salão paroquial; distribuição de pães do Divino Espírito Santo; entrega de lembranças aos mordomos; devoção a outras entidades.

As personagens verificadas na festividade em Laguna são: os imperadores, os príncipes e os pagens, formando a corte do imperador, além das guardiãs que carregam as bandeiras do Divino e as bandeiras que representam o Estado. Há participantes leigos que não fazem parte de ordens clericais como: os festeiros, os recepcionistas, os mordomos e o casal que coroa o imperador. Outros elementos ainda podem ser citados como o império armado dentro do templo, as músicas específicas para a festa, feitas por pessoas da própria comunidade.

Considerações finais

Esta pesquisa pautou-se nas manifestações da cultura popular, especificamente na festa do Divino Espírito Santo, em Laguna, SC, e de que forma ela é um canal produtor e emissor de mensagens. Em outras palavras, procurou-se desvendar a forma como essa festividade pode ser tida como um veículo de comunicação popular, onde o povo, consciente ou não, manifesta suas opiniões, críticas e concepções sobre o meio em que habita. O material desenvolvido até aqui não esgota o tema. O objeto de estudo, bem como as simbologias do catolicismo popular são vertentes de inesgotáveis considerações se tivermos como objetivo a intersecção entre Comunicação e Cultura. No decorrer da pesquisa inúmeros pontos foram discutidos com maior ou menor relevância dentro da proposta que previa detectar se esse era efetivamente um veículo de comunicação oriundo do povo. Nessa perspectiva buscou-se diagnosticar quais as principais mensagens produzidas e emitidas por esse veículo popular de comunicação chamado religiosidade, sintetizado na festa em honra ao Divino Espírito Santo.

Ficou bastante claro, sob o ponto de vista utilizado – a Folkcomunicação – que a festa do Divino Espírito Santo é um canal emissor de mensagens produzidas no seio popular, mesmo que tais não sejam repletas de consciência. Esta conclusão se constitui a partir de uma intensa busca bibliográfica pelos significados de símbolos culturais; da observação participante na festividade e das conversas entre pessoas que vivenciam, ou de alguma forma conhecem, os processos ocorridos na realização da festa. Para que pudéssemos separar aquilo que é produção popular daquilo que é eminentemente católico e oficial, definimos uma dicotomia presente nessa manifestação, mas que delimita perfeitamente o quanto essa festividade é uma produção do povo em detrimento da atividade religiosa oficial e elitista. Portanto, essa dicotomia, que grosso modo, define muito do que é a festa do Divino Espírito Santo, é a relação entre elementos sagrados e

profanos. Aqui, ressaltamos as atividades profanas da festa, que servem como subsídios fundamentais para que o evento se caracterize como um canal de comunicação popular. Não obstante, esses elementos pagãos compreendem também a uma atividade de fé e devoção na entidade, não perdendo sua característica “sobrenatural”.

A festa em honra ao Divino Espírito Santo revela uma grande necessidade do povo de consolidar a sua identidade através da herança cultural. A iniciativa de retomá-la, quase um século depois de sua extinção enquanto cerimônia pomposa e com riqueza de elementos, foi uma tentativa popular de resgatar o passado e se sentir em um lugar comum. A forma como as pessoas se referem à festa não tem apenas uma conotação referente ao culto e a devoção. A fé une-se à necessidade de reconhecimento e de legitimação popular. Isso se sobressai principalmente pela preocupação de não apenas resgatar a herança dos antepassados, mas de consolidar-se como nação.

A festividade está envolta muito mais por uma atmosfera de reconhecimento entre os membros locais do que onerada a interesses comerciais como o turismo. A festa é um momento de encontro da comunidade, onde há a integração num ambiente comum, com interesses em comum: a religiosidade e a semelhança cultural, ou seja, todos com semelhante herança cultural. Por ser o descendente luso-açoriano também mais passivo e determinista, não há uma intenção de vender essa cultura. Na festa do Divino Espírito Santo encontram-se os populares, as pessoas são conhecidas umas das outras e estão ali unidas por objetivos comuns: a mesma cultura e a mesma localização no tempo e no espaço. É, de certa forma, uma crítica ao sistema, mesmo sem consciência, pois o povo não se preocupa em lucrar, sua intenção é divertir-se, praticar a sua fé e a sua cultura.

Fica bastante evidente nessa comemoração que o povo tem a percepção da diferença social e que consegue distinguir que não faz parte da pequena camada da sociedade que tem privilégios. A festa do Divino Espírito Santo, por ser um dos eventos do catolicismo popular que contém maior número de elementos produzidos pelo povo, imprime a idéia de uma manifestação onde as pessoas chamam atenção para si. Ou seja, é nesse momento que o cidadão, na expressão da sua fé, reafirma a característica católica e oficial da sua devoção, mas reafirma também que, a sua visão de mundo é repleta de peculiaridades. Se a festa do Divino nasceu com propósitos políticos da aristocracia medieval por um lado, hoje ela é um mecanismo comunicativo, onde o povo mostra aquilo que é capaz, e, sobretudo, sua existência dentro da sociedade. É um momento

onde o povo ratifica sua presença e a sua capacidade de produção a partir da sua fé.

Ao mesmo tempo em que têm ciência de que existe uma diferença social há um descompromisso político e com o meio. O povo percebe a injustiça social, mas não tem a consciência nem mesmo soluções para resolver essa questão coletivamente, o que lhes interessa é a ascensão social. Um bom exemplo disso fica por conta da corte imperial. Ela representa um anseio do povo em colocar-se numa posição de destaque e não “marginalizada”. Os imperadores e os demais membros da corte emitem mensagens oriundas do povo e suas aspirações, que não são coletivas e organizadas, mas que partem de um ponto de vista individualista e comum a todos os membros do grupo. Embora a festa não tenha como objetivo central angariar lucro exorbitante, é ela uma forma de modificar o status dentro do grupo. A partir do momento em que se é festeiro ou membro da festividade, o indivíduo passa a sobressair-se, ser conhecido e reconhecido. É interessante perceber essa necessidade do reconhecimento e o anseio pela ascensão social: existe uma busca pela aceitação e importância dentro do grupo.

Uma marca latente da cultura luso-açoriana é o forte envolvimento com a religiosidade, seja ela vivenciada a partir de elementos sacros catolicismo ou mesmo nas crendices e mitos populares permeados de aspectos sobrenaturais. Essas comunidades têm no divino e no mágico a razão pela qual as coisas acontecem. Na festa do Divino Espírito Santo não é diferente. É possível perceber que uma das principais mensagens emitidas pela festa é o condicionamento à religiosidade, tudo o que acontece está ligado a um desejo ou força oriundos de um “plano superior”. Pode-se dizer que a frequência de devotos à Igreja ocorre, em alguns casos, mais por temor de que algo aconteça pelo fato de não terem seguido os ritos religiosos, do que, ser essa uma atividade de interesse dos indivíduos.

É bastante dicotômico o pensamento luso-açoriano em relação à festa do Divino. Ao mesmo tempo em que é fatalista, na festa coroa um popular, evidenciando a mensagem de resistência à sua condição dentro da sociedade. É importante destacar que a religiosidade católica lagunense sofre influência maior do imigrante português continental em relação ao açoriano. As características culturais desses ancestrais perderam-se em virtude de uma “marginalização” da festividade, e sua retomada se dá, anos depois, mais pelo interesse em resgatá-la do que por uma continuidade atribuída aos valores e à tradição. Com o passar do tempo a festa não manteve uma linearidade quanto a sua popularidade, sofreu discriminação e caiu em decadência. A partir da década de noventa, a retomada dessa manifestação cultural ganhou certa notoriedade e hoje faz

parte de um conjunto de costumes e atividades que formam a identidade cultural do lagunense.

Referências Bibliográficas

BELTRÃO, Luiz. _____. *Folkcomunicação: um estudo dos agentes e dos meios populares de informação de fatos e expressão de idéias*. Porto Alegre: Edipucrs, 2001.

DALL'ALBA, João Leonir. *Laguna antes de 1880*. Florianópolis: UDESC/Lunardelli, 1979.

HERDT, Antonio Gerônimo. *A religiosidade do açoriano*. Texto de posse da acadêmica. Cedido pelo autor em 13 de novembro de 2003.

LUYTEN, Joseph *apud* MELO, José Marques de. Introdução à Folkcomunicação: gênese, paradigmas e tendências. IN BELTRÃO, Luiz. *Folkcomunicação: teoria e método*. São Bernardo do Campo: Umesp, 2004.

MAREGA, Antônio Carlos. Entrevista concedida a Clarissa do Nascimento Peixoto em 20 de março de 2005. Laguna/SC.

MARTINS, Celso. *Anita Garibaldi: a vida de uma heroína*. São Paulo: Anita Garibaldi, 2004.

MEGALE, Nilza B. *Folclore Brasileiro*. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

ULYSSÉA, Saul. *Coisas Velhas*. Laguna: 1944.